



As cartas de Dhutmose: o cotidiano religioso no período de Ramsés XI (1087-1070 a. C.)

Adriano Fagherazzi

Anny Aldrey da Silva Konrath

Waldemar Dalenogare Neto

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: Este artigo visa apresentar uma sistematização e análise dos Deuses mencionados na correspondência de Dhutmose, um escriba da Sede da Verdade, em viagens a região da Núbia. As cartas revelam modalidades de expressão de fé, além do chamamento dos Deuses, que os qualifica como mais ou menos populares naquele contexto específico.

The letters of Dhutmose: the religious quotidian in the times of Ramses XI (1087-1070 BC)

Abstract: This paper presents an analysis and systematization of the Gods mentioned in the correspondence of Dhutmose, a scribe of the Place of Truth, on the trips to the region of Nubia. The letters reveal expressions of faith, beyond the call of God, which qualifies them as more or less popular in that specific context.



Nosso objetivo neste artigo é circunscrito: analisar as cartas escritas pelo escriba Dhutmose. As correspondências trocadas no período faraônico permitem ao historiador abordar as especificidades do período de formação da cultura epistolográfica. Encontramos nestas correspondências as primeiras formas de comunicação escrita entre um emissor e um receptor sobre temas do dia-dia.

Os escribas de Deir el-Medina constituíam um grupo profissional de extrema importância, pois tinham a função de fazer a comunicação escrita sobre tudo que ocorria na vila ao faraó, sem contar que eram responsáveis pelas tarefas de fiscalização, solicitando e prestando contas sobre tudo que era enviado da sede da monarquia para a manutenção do assentamento. Há indícios encontrados por escavações arqueológicas que Deir el-Medina tinha sua própria escola de escribas, o que era normal nas grandes cidades egípcias, mas um fato incomum em uma vila considerada pequena, que teve na sua maior configuração aproximadamente 120 lares e deve ter comportado algo entre 1200 pessoas. Vale lembrar que Deir el-Medina estava localizada em uma região muito conturbada, pois ficava próxima a fronteira da Núbia, um território no qual os faraós egípcios, por anos, disputavam terras e poderes. Essa vila era de extrema importância para o Egito, afinal, foi construída especialmente para abrigar os artesãos, que vinham das mais diversas localidades, tanto do Egito quanto do mundo mediterrâneo, especializados na construção das tumbas dos faraós e da nobreza (BAKOS, 1996: 153-156).

A aldeia existiu durante cerca de quinhentos anos, tendo seu fim ocorrido de forma paulatina durante o reinado de Ramsés XI em 1070 a.C. Entre os motivos principais que levaram ao progressivo abandono da vila, está a onda constante de ataques núbios e líbios que dificultava a permanência daqueles que ali moravam e também ameaçava o domínio egípcio nos territórios de fronteira. Posteriormente, os núbios, aos poucos, avançariam no território egípcio e acabariam por formar uma série de soberanos que reinariam sobre o Egito durante três quartos de século, constituindo a XXV dinastia (752 a. C. - 721 a. C.).

Deir el-Medina foi encontrada e estudada, a fundo, no século XX, graças ao trabalho de, principalmente, Ernesto Schiaparelli (1856 - 1928), Bernard Bruyère (1879 - 1971) e Jaroslav Černý (1898–1970), este último tendo escavado e pesquisado o sítio durante cinquenta anos. É graças a eles que temos informações suficientes para fazer uma reconstituição de como era o espaço físico e como se dava a movimentação na vila. Entre as grandes contribuições feitas por estes estudiosos que, além de arqueólogos, estavam em busca, certamente, de riquezas esquecidas no tempo, estão cerca de cinco mil exemplares (entre ostracas e papiros) de



documentação praticamente intacta que foram encontrados em um poço localizado ao lado da muralha que rodeava a vila. Conforme relatório da busca que realizou na região, Bruyère descreve o poço como uma espécie de armazém onde, em uma possível fuga da região por medo de ataques núbios, os documentos que não tinham como serem carregados foram literalmente amontoados de qualquer forma e enterrados para que, na medida do possível, não caíssem nas mãos de possíveis invasores. Posteriormente, arqueólogos descobriram que, na verdade, o “poço” era uma espécie de cemitério, onde a documentação acabou sendo depositada com o abandono da vila.

Em uma destas escavações, uma coleção de papiros foi encontrada por Jaroslav Černý, que publicou a maioria dos registros, originalmente em hieróglifos, em 1939. Esta coleção de correspondências foi traduzida pelo professor da Universidade de Chicago, Edward Wente, em 1992, que dedica um capítulo de seu trabalho para apresentar a trajetória dos escritos do escriba Dhutmose na XX dinastia do Egito, sob seu último faraó, Ramsés XI. Estas cartas são de grande utilidade para estudo do cotidiano egípcio, entendendo-se cotidiano como o lugar social que liga as relações e estruturas que fazem a sociedade funcionar como um conjunto. Com isto em mente, nosso grupo de pesquisa Correspondências de Deir el-Medina: A vida cotidiana no tempo de Dhutmose: (c. 1087-1070 a.C.) orientado pela Professora Doutora Margaret Marchiori Bakos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) tem como objetivo compreender as escritas do período de Dhutmose e fazer um estudo comparativo do que foi relatado por Dhutmose com relação à historiografia clássica sobre este período. Segundo o professor Wente, este projeto é inédito em escala global, pois o grupo de estudos que fez a tradução das cartas em 1962, não teve apoio da Universidade de Chicago para trabalhar em cima de uma análise de conteúdo destas cartas.¹

Cartas de Dhutmose

As primeiras cartas de Dhutmose datam de c. 1085 a.C. Neste período, o escriba Dhutmose trabalhava como coletor de impostos do faraó. Os primeiros assuntos abordados pelo escriba são problemas envolvendo a pesca e as dificuldades em recolher os impostos, dizendo que sofria grande pressão para deixar de exercer esta profissão. De fato, sabe-se que um coletor de impostos sofria inúmeras perseguições e não era visto pela sociedade como um homem livre, já que suas falas e seu discurso para conseguir a arrecadação eram pré-aprovadas pelo faraó. De forma repentina, nos anos posteriores, as próximas cartas encontradas apresentam

¹ Comunicação feita com o professor Wente via e-mail em 13 de setembro de 2011.



uma mudança na forma de escrita de Dhutmose: o escriba passa a utilizar frases maiores e clama por um número maior de Deuses. Isto pode ser explicado, em parte, devido à crise em que se encontrava o Egito nesta época. (MESKEL, 2001: 209-243).

Durante o final da XX dinastia, a fome e a insatisfação com o faraó eram dois assuntos muito comuns no cotidiano dos habitantes de Deir-el-Medina. Ramsés XI envolveu-se em uma grande política ofensiva contra a Núbia para evitar um golpe protagonizado pelo sumo sacerdote de Amon, Amenhotep. Mais tarde, viu suas forças se voltarem para uma expedição militar contra a Núbia, e seu governo ser apenas *de jure*, já que *de facto* suas forças militares estavam sendo comandadas pelo general Herihor. Com a morte de Ramsés, este general passou a ser o senhor efetivo do Alto Egito e da Núbia, causando ira nos habitantes da região de Kerma. Em meio a estes conflitos, a administração egípcia retirou recursos da cidade para garantir que suas tropas saíssem vitoriosas do confronto. A área mais afetada do Egito foi Tebas, que organizou uma resistência contra o faraó liderada após a morte do general Panhesy. As tropas egípcias que tinham entrado na Núbia, retornaram e atacaram Tebas para trazer o controle da cidade novamente para as mãos de Herihor, que passou a se tornar o vizir de Tebas. Infelizmente, não existem registros sobre o que aconteceu depois da entrada das tropas egípcias em solo tebano, mas sabe-se que todas as cartas enviadas pelos escribas após esta data passaram a conter a palavra “Renascimento”, que seria uma tentativa da administração de trazer novos tempos de glória para o Egito. (FAIRSERVIS, 1962: 165-165)

A historiografia especula que neste período de renascimento, os escribas se especializaram com o treinamento em grandes galerias na região de Deir el-Medina. Isto ajuda a explicar o fato da evolução da escrita de Dhutmose. (VAN HEEL, 2003: 40).

Após suas cartas iniciais, acompanhando os registros de Černý, o próximo registro de Dhutmose viria somente após cinco anos, período em que possivelmente o escriba deve ter se especializado em outra cidade. Se identificando como Tjaroy, possivelmente apelido que Dhutmose recebeu durante os anos em que não foram encontrados registros sobre sua pessoa, o escriba assume a função de levar ordens do Templo do Faraó para o general do Exército, em meio ao conflito com a Núbia (RICE, 1999: 65). O papel desempenhado por Dhutmose é fundamental, pois além de registrar o progresso das tropas, ele seria responsável de fazer a negociação de reforços e de armas que deveriam chegar à linha de frente do Exército Egípcio frente aos rebeldes da Núbia. A situação precária dos papiros (os piores de toda coleção) prejudicou a análise de conteúdo destas cartas. Por exemplo, em determinado momento de uma



carta, não se sabe sobre o conteúdo da mensagem de Dhutmose para um General: “[...] no quarto mês [...] nada de errado aconteceu com eles [...] Eu deixei ele em Elefantina”.

Mais quatro anos se passam até a próxima publicação de Dhutmose. Diferentemente das demais cartas vistas até o momento, Dhutmose envia correspondências para amigos e familiares residentes em Tebas. Em meio à guerra, é possível observar os sentimentos do escriba, que reclamava da falta de comunicação com seus parentes. Em uma marcante passagem, Dhutmose afirma que: “em meio desta guerra, hoje eu estou vivo. Porém, o amanhã está nas mãos dos Deuses”. Em outra carta deste período, o escriba pede orações diárias para que ele retorne vivo e consiga rever a todos que demonstravam preocupação com seu estado. É interessante notar que esta preocupação de não reencontrar seus parentes parecia crescente com o desenrolar da guerra. Nas cartas que foram encontradas cuja datação se remete ao período de guerra, Dhutmose escreveu 16 linhas pedindo proteção aos Deuses. A única linha da carta destinada a sua família continha a seguinte mensagem: “Assim que esta carta chegar até vocês, peça para Amon me trazer de volta daqui a salvo”.

Em meio a estas mensagens, Dhutmose continuou desenvolvendo suas funções de comunicação. Em determinado momento da guerra, recebeu a instrução de recolher panos velhos para utilizar como bandagens. Esta passagem demonstra como era grave a situação do exército egípcio, sem recursos.

Nos anos seguintes, as cartas de autoria de Dhutmose diminuem gradativamente. A última carta encontrada por Černý foi enviada para seu filho Butehamon. Dhutmose relatava que estava bem, apesar das dificuldades de acompanhar o grave conflito de perto. Não se sabe se o escriba sobreviveu à guerra.

Demonstrações de fé nas cartas de Dhutmose

As cartas com as quais trabalhamos possuem, em sentido geral, uma determinada formatação. Diante desse padrão, uma carta pode ser dividida em três partes, denominadas por nós como Quebras. A Segunda e Terceira Quebras são, respectivamente, o conteúdo em si e as considerações finais e despedidas. A Primeira Quebra traz a identificação do emissor e do receptor, as saudações e, geralmente, a menção a, no mínimo, um deus, para expressar votos de vida, prosperidade e saúde. Para exemplificar como é uma Primeira Quebra padrão, utilizamos o exemplo da carta 293, extraída de Edward Wente:





O escriba do tesouro do Templo de Amon-Rá, Rei dos Deuses, Painefernefer ao escriba [da necrópole] Tjaroy: Em vida, prosperidade e saúde e em favor de Amon-Rá, Rei dos Deuses! Todos os dias eu apelo para Amon-Rá, Rei dos Deuses, Mut, Khonsu e todos os deuses de Tebas para lhe darem vida, prosperidade e saúde, uma vida longa, uma boa velhice, e muitos favores na presença de Amon-Rá, Rei dos Deuses, seu bom senhor.²

Neste exemplo é fácil identificar as características padrão da Primeira Quebra. A carta é identificada como sendo escrita pelo escriba do tesouro do Templo de Amon-Rá para o escriba da necrópole Tjaroy. A saudação começa em seguida: “Em vida, prosperidade e saúde em favor de Amon-Rá, Rei dos Deuses!” E, após isso Painefernefer expressa seus votos feitos aos deuses, nos quais ele pede inúmeras coisas para Tjaroy: vida, prosperidade, saúde, uma vida longa e uma boa velhice. É nesta parte da Primeira Quebra que a análise será focada, buscando saber quais deuses eram mais populares em Deir-El-Medina durante a XX Dinastia. Cremos que os deuses para os quais eram dirigidos esses votos são de grande importância, levando em conta a fé de que o deus chamado atenderia o seu pedido.

No levantamento que fizemos em relação aos deuses mencionados nas cartas de Wente, encontramos cento e vinte vezes menções às divindades, excetuando dele as expressões como “[...] e todos os deuses de Tebas [...]”, conforme o exemplo dado acima. Para o nosso estudo analítico, resolvemos trabalhar apenas com 119 das menções encontradas, retirando da contagem o epíteto “Senhor Universal, o grande deus da ocasião primal”, encontrado na carta 288. Seria esse Senhor Universal o deus Amon? Ou seria Atum? Ou Ptah? Devido aos questionamentos resultantes, decidimos trabalhar com os cento e dezenove que estão mencionados de maneira clara no corpo das cartas.

Essas cento e dezenove menções, então, fazem referência a dezesseis deuses diferentes. A Ogdoade, composta pelos oito deuses Nun-Naunet, Heh-Hauhet, Kek-Kauket, Amon-Amaunet, conta em nossa análise como menção a apenas um deus. São dezesseis deuses distintos, porém, são vinte e nove formas diferentes em que estes deuses aparecem, somando-se aos deuses os seus epítetos e sincretismos.

De forma evidente, percebemos que o deus em destaque é o deus Amon. Ele é mencionado trinta e oito vezes sob onze formas diferentes. Já era esperado tal resultado, devido ao fato de Amon ser, à época, o principal deus do panteão egípcio. No fim do 1º Período

² Tradução, feita pelo grupo de pesquisa, da carta 293, retirada de WENTE (1967).



Intermediário (2195 a.C – 2040 a.C), o poder do faraó estava dividido entre os chefes dos diversos *nomoi*. A nobreza de Tebas conseguiu unificar o Egito, tornando a cidade a capital do *nomos*. No fim do 2º Período Intermediário, os príncipes tebanos libertaram o Egito da dominação dos hicsos e formaram a XVIII Dinastia faraônica. Assim, quando Tebas se tornou a capital nacional, elevou seu principal deus local, Amon, ao posto de deus nacional. No Reino Médio ele já era chamado de Rei dos Deuses, o que originou o sincretismo Amon-Rá, união esta que fortaleceu muito o poder de Tebas (BAKOS, 2009: 41).

O gráfico abaixo mostra as onze formas diferentes, entre epítetos e sincretismo, sob as quais o deus Amon foi representado, totalizando 81 menções:

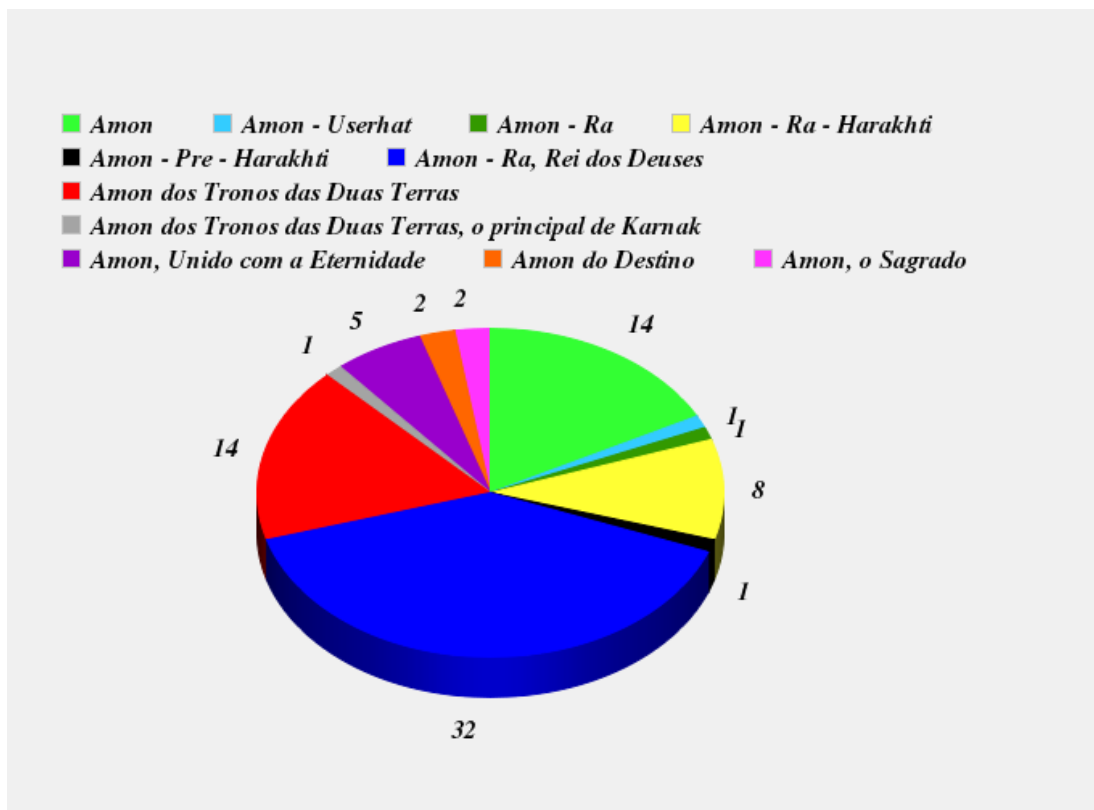


Figura 1: Nomenclaturas de Amon nas cartas de Dhutmose.

E, por fim, o gráfico seguinte mostra o restante das 119 menções, ou seja, as 38 menções às demais 16 divindades:



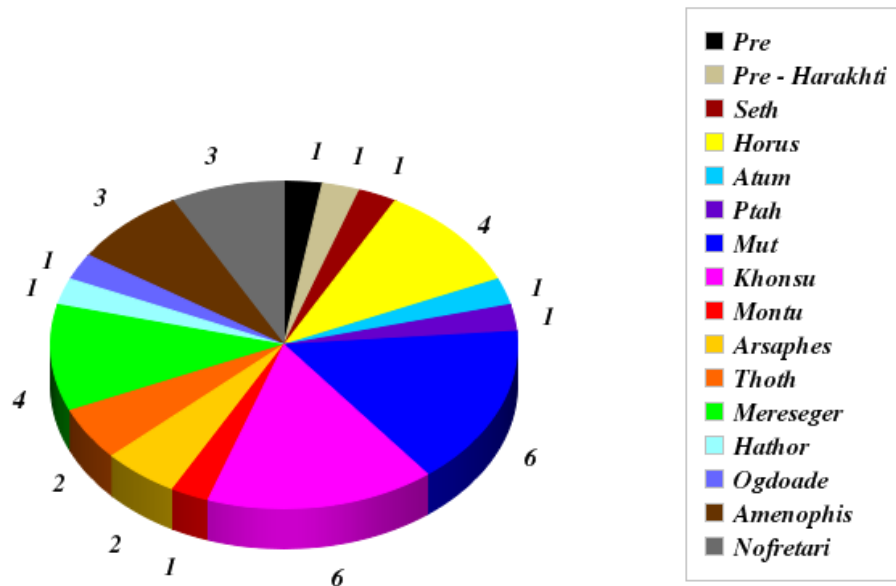


Figura 2: Divindades representadas nas cartas de Dhutmose.

As Cartas de Dhutmose: considerações finais

Além da análise inicial das cartas, que foi apresentada neste artigo, o grupo de estudos de Egito Antigo da PUCRS agora se dedica a transliteração e tradução das cartas, para compreender frases em que Wente não conseguiu realizar a tradução, ou frases em que o professor da Universidade de Chicago aponta não ter certeza quanto ao conteúdo. Deve-se dizer, nenhuma das cartas disponíveis está com seu conteúdo preservado. Dependendo do período, estas cartas podem ter entre 5 e 40% de seu conteúdo danificado. Outros 10% das cartas traduzidas por Wente tem uma tradução que o próprio autor considera “pessoal” (WENTE, 1990: 212). Para eliminar qualquer possibilidade de interpretação própria do grupo de estudos de Wente, decidimos analisar cada um destes casos em particular para fazer nossa própria análise.

Todo este conteúdo apresentado pode ser comparado com a historiografia clássica deste período: até a publicação destas cartas, e os estudos feitos por Cerny na década de 1940, era de senso comum entre os historiadores do Egito Antigo, considerar que Ramsés XI tomou a Núbia

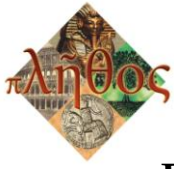




e a Tebas facilmente. Porém, todas as dificuldades apontadas por Dhutmose dificultam a sustentação desta linha de análise.

A coleção de correspondências do escriba Dhutmose apresentam novas possibilidades para estudo do cotidiano e da fé no Antigo Egito.





Bibliografia

BAKOS, Margaret Marchiori (2009), *Fatos e Mitos do Egito Antigo*, Porto Alegre, EDIPUCRS.

BAKOS, Margaret Marchiori (1996), Relações familiares em Deir el-Medina, *Phoînix*, 7, p 153-167.

FAIRSERVIS, Walter (1962), *The Ancient Kingdoms of the Nile and the doomed monuments of Nubia*, Nova York, Crowell.

JANSSEN, Jac (1982), *Gleanings from Deir-el-Medina*, Leida, Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten.

MESKELL, Lynn (1998), An archaeology of social relations in an Egyptian village, *Journal of Archaeological Method and Theory*, 5, 3, p. 209-243.

RICE, Michael (1999), *Who's Who in ancient Egypt*, Londres, Routledge.

VAN HEEL, K. Donker (2003), *Writing in a workmen's village*, Leida, Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten.

WENTE, Edward (1967), *Late Ramesside letters*, Chicago, UCP.

Sobre os autores

Graduandos em história da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e membros do grupo de pesquisa sob orientação da Prof. Dra. Margaret Marchiori Bakos (CNPq/PUCRS), intitulado Correspondências de Deir el-Medina: A vida cotidiana no tempo de Dhutmose: (c. 1087-1070 a.C.).

